

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2008 - ANO XII - Nº 142

EDITORIAL

Foi assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 21 de novembro, o decreto que regulamenta a Lei de Proteção da Mata Atlântica, aprovada no Congresso Nacional há exatos dois anos. Essa lei foi proposta pelo ex-deputado Fábio Feldmann, ambientalista que há muito milita na defesa desse bioma. A Mata Atlântica é o mais devastado bioma brasileiro. Sua área foi reduzida a 7% da original, e a meta do governo, com a aplicação da lei, é elevar as reservas a 27%. Entre outros objetivos, pretende-se criar corredores para interligar os pequenos fragmentos remanescentes. Segundo Carlos Minc, ministro do Meio Ambiente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aguardava apenas a assinatura do decreto presidencial para anunciar o tamanho da área que será preservada a partir da aplicação da lei. Com a definição das áreas, os três níveis de governo terão instrumentos para combater a ocupação irregular do bioma. A regulamentação da Lei da Mata Atlântica é uma notícia auspiciosa para a proteção dos remanescentes e ampliação de áreas descobertas.

Todo o Vale do Paraíba era coberto por essa floresta. O progressivo processo de ocupação dos espaços, devido ao histórico avanço da colonização e sucessivos ciclos econômicos, destruiu essa cobertura. Em Piquete, a monocultura do café e, mais tarde, a pecuária, legaram solo ácido, campos descobertos, erosão e redução drástica do volume de água de nossos mananciais. Contraopondo essa situação, a partir de 1905, com a construção da Fábrica, por motivos técnicos estratégicos e de segurança, os remanescentes da Mata Atlântica das fazendas Estrela do Norte, Sertão e Limeira foram preservados e expandidos. Passados mais de cem anos, somos herdeiros de um importante fragmento de Mata Atlântica, com uma das mais ricas biodiversidades da região, objeto de estudo para diversos pesquisadores.

A Fundação Christiano Rosa, parceira da IMBEL em diversos trabalhos, atualmente está desenvolvendo um projeto de recuperação de matas ciliares do Ribeirão Limeira que visa a estabelecer um corredor ecológico entre sua foz, e Lorena, e esse importante fragmento. A ação vem ao encontro da Lei da Mata Atlântica, ratificando a importância do trabalho e a convicção da FCR de que suas atividades trazem melhor qualidade de vida para Piquete.



“Proclamação da República”, óleo sobre tela de Benedito Calixto, pintado em 1893. Pertence ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A proclamação da República

Na sexta-feira, quinze de novembro de 1889, o Brasil acordou monarquista e foi dormir republicano. Jamais houve na história do país uma ruptura política tão inesperada. Na véspera, ninguém poderia prever que o reinado viria abaixo. Ao cair da tarde de quinta-feira, dia 14, D. Pedro II, fugindo do calor carioca, estava no palácio de Petrópolis. No mesmo momento, o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca encontrava-se em Andaraí, na casa de seu irmão, o oficial-médico João Severiano, tentando recuperar-se de um de seus habituais ataques de falta de ar. Menos de 48 horas depois, o quadro era semelhante, mas as instituições estavam de pernas para o ar. D. Pedro II, detido no palácio imperial do Rio de Janeiro, escrevia, com a ajuda do Barão de Loreto, a carta em que acatava a ordem de exilar-se: “Cedendo ao império das circunstâncias, resolvo partir com toda a minha família para a Europa amanhã”. Na mesma hora, Deodoro ia para a cama, tão fortes eram os seus achaques. Mas, ainda que dispnêico e de cama, era o chefe do governo provisório, o homem mais poderoso do país. A República estava proclamada.

O fato é que, naquele confuso alvorecer de 15 de novembro de 1889, o presidente do Conselho de Ministros, Visconde de Ouro Preto, foi preso, e todo seu gabinete

derrubado. Mas ninguém teve coragem de falar em República. Apenas na calada da noite, quando golpistas civis e militares se reuniram, foi que proclamaram – em silêncio e provisoriamente – o advento de uma República Federativa. “Provisoriamente” porque se aguardaria “o pronunciamento definitivo da nação, livremente expressado pelo sufrágio popular”.

Quanto ao povo, assistiu a tudo “bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditavam estar vendo uma parada”, escreveu Aristides Lobo num artigo a respeito da Proclamação da República, com sinceridade e capacidade de síntese notáveis, publicado no Diário Popular de segunda-feira, dia 18. A população carioca realmente contemplou tudo aquilo bestificada. Em outro trecho do mesmo artigo, porém, Aristides Lobo projeta os fatos de sexta-feira dia 15 para o futuro. “O que se fez é um degrau, talvez nem tanto, para o advento da grande era”. Contempla ainda: “Estamos em presença de um esboço rude, incompleto, completamente amorfo. Não é tudo, mas é muito.”

A monarquia no Brasil não caiu com um estrondo, mas com um suspiro. E o plebiscito para “referendar” a República, previsto num dos primeiros decretos assinados por Deodoro, de fato foi convocado, mas apenas em 1993, com 104 anos de atraso.

Imagem - Memória



Resfolegando, envolto em fumaça, o “Piqueteiro”, transportando operários, segue em direção à Estação da Limeira. Ao fundo, o antigo Hospital da FPV, atual Fórum. Foto da década de 40.

O “Piqueteiro”

Em fevereiro de 1902, o 12º Batalhão de Infantaria do Exército deu início à construção do ramal férreo Lorena-Benfica, da Estrada de Ferro Central do Brasil. Essa obra militar visava atingir os campos altos da Mantiqueira, na planície de Lavrinhas, próximo a São Francisco dos Campos, propriedade do Barão da Bocaina, onde o governo iria construir um sanatório militar e uma fábrica de pólvoras sem fumaça. No entanto, por questões estratégicas, os planos originais foram mudados e a fábrica acabou sendo construída na planície da Limeira, local onde a linha férrea teve seu ponto final.

Inaugurado em setembro de 1906, essa ferrovia, construída para o transporte de operários e de materiais para a edificação da fábrica, passou a servir, por mais de sete décadas, à população de Piquete. Seu ponto de partida era a Estação de Lorena. Ao longo de seu percurso foram construídas as estações Angelina, Coronel Barreiros, Rodrigues Alves, Estrela do Norte e Limeira. Havia ainda as paradas Ponte do Paraíba, Francisco Ramos e Bela Vista.

Em março de 1909, ocorreu a inauguração da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, e a partir de então houve um crescimento no fluxo de passageiros por essa ferrovia. Muitos antigos moradores se recordam do trenzinho dos operários que diariamente transportava trabalhadores para a Fábrica. Apelidado

carinhosamente pelos loreneses de “O Piqueteiro”, todas as manhãs, nosso tradicional trenzinho, que trafegava seis vezes por dia de Lorena a Piquete e vice-versa, agitava a pequena cidade. Passou a fazer parte da paisagem bucólica de Piquete.

Esse comboio que, nos primeiros anos da Fábrica, era formado por três vagões puxados por uma maria-fumaça, chegou a ter sete carros de passageiros, superlotando a plataforma de Lorena. Apesar do risco de se trabalhar numa fábrica de explosivos, todos os dias era uma festa assistir ao embarque desses operários. A Estação de Lorena tingia-se de azul com mais de 800 uniformes em movimento. Às 5h45min, o Piqueteiro partia. A viagem durava em média uma hora. Quem por ele viajasse pela primeira vez, estranharia, mas com o tempo se acostumava. Era pequeno, apertado e sacolejava muito. Não oferecia conforto. Durante o trajeto fazia uma parada obrigatória nas estações Coronel Barreiros e Rodrigues Alves, para saciar a sede da locomotiva. O trajeto era uma animação. Estreitavam-se amizades, colocavam-se as notícias em dia e faziam-se planos para os fins de semana – assistir ao Estrela x Hepacaré ou uma pescaria. Uns passageiros vinham lendo, outros aproveitavam para dormir um pouco mais ao som frenético da máquina. Alguns jogavam dominó, truco ou

palitinho. No meio do operariado havia sempre um mais espirituoso que alegrava os colegas de trabalho contando piadas e imitando os chefes, para gargalhada geral. Havia aqueles que, debruçados sobre as janelas, olhares perdidos, contemplavam a paisagem que passava. Na Bela Vista, a locomotiva apitava avisando sua chegada à Rodrigues Alves, onde muitos operários embarcavam. Resfolegando, envolto em fumaça, o Piqueteiro chegava à Estação da Limeira, portão de entrada da Fábrica, para o desembarque e o registro na Casa do Ponto. Logo soava a sirene e todos deviam estar a postos para mais um dia de trabalho. No final da tarde, lá estava ele, sempre fiel, o Piqueteiro, à espera dos seus passageiros para o retorno...

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pedemeiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Gaúcho

Este é o apelido pelo qual é conhecido em Piquete. Poucos sabem que seu verdadeiro nome é Leopoldo César de Andrade...

Aos 90 anos de idade, bem-humorado e de bem com a vida, Gaúcho conta-nos que nasceu em Porto Alegre, RS, em 30 de setembro de 1918. "Sou um dos nove filhos de Raul e Damiana César de Andrade". Em 1936, antes de completar 18 anos, engajou-se no Exército, no 7º Batalhão de Caçadores, tendo servido nas fronteiras do Rio Grande do Sul, na chamada Carta Geral, hoje Serviço Geográfico do Exército. Após cumprir o tempo regulamentar, deu baixa. Retomou, porém, em 1940, o serviço militar, no mesmo trabalho. Foi destacado para atuar como eletropista num levantamento dirigido pelo general Poli Coelho, que seria realizado na região Nordeste. As atividades se iniciaram na fronteira de Alagoas, estendendo-se até o Ceará. "Foram cinco anos pelo interior nordestino... Andei léguas e léguas naquelas terras... Na maioria das vezes, em lombo de mulas...". Gaúcho faz questão de citar seu equipamento de trabalho: o eletropto, "uma caixa em que a luz do sol incidia e era refletida por meio de um jogo de espelhos... De outro ponto, essa luz era observada e tirava-se, então, as medidas". Sua última missão no Nordeste foi em 1945, na região de Mossoró, RN. De lá veio destacado para Piquete, com a finalidade de participar de um trabalho dirigido pelo Major Dássio César, que efetuaria o levantamento de informações sobre os terrenos da Fábrica de Pólvora sem Fumaça.

Em 1946, deixou novamente o Exército e passou a trabalhar na FPV, lotado no 8º Grupo, na "laminagem da B4". Transferiu-se, mais tarde, para a 3ª Divisão, onde, na Mecânica, teve como supervisor o Mestre Manduca, antigo funcionário daquela empresa. Após 28 anos, em 1973, aposentou-se.



Gaúcho conta diversas histórias que enriquecem e tornam agradável a conversa. Cita os inúmeros amigos da Fábrica. Lembra-se do general Aquino como "um dos melhores diretores que conheci... Diziam que era a 'mãe do operariado'...". Amante do futebol, fala sobre o "Vira cinza", time do qual participou e que era formado por representantes do Trotil e do 1º Grupo: "jogamos o Campeonato da Boa Vontade". Torcedor do "Estrela", comenta sobre Orlando Siriri, Catrica, Mangabeira, Luiz de Barros, Berné, Pisca e outros do "esquadrão estrelino". "Se tivessem um time como aquele, hoje certamente estariam na primeira divisão...".

Gaúcho resume sua vida em Piquete como muito boa. "Seriam apenas uns quatro ou cinco meses em Piquete...", diz. No entanto, já se vão sessenta e poucos anos... O maior motivo foi que, passando pela rua Cel. Pederneiras, viu uma moça à janela – Ermínia Alves Primo. Apaixonaram-se e, em meses, estavam casados.

Desde então, mora no mesmo local. O casal teve dois filhos. Em 1967, ficou viúvo. Casou-se, então, com Francisca Zenir Lobo, uma cearense que passava férias pela cidade. Foi outra feliz união que durou 29 anos.

Viúvo novamente, deixa clara a certeza de que aproveitou a vida com inteligência, com amor e seriedade. Leopoldo César "Gaúcho" de Andrade tem coração aventureiro e piquetense.

O "Vira Cinza", em 1952, do qual Gaúcho, abaixado, primeiro da esq./dir., fez parte. A madrinha é a conhecida "Nega do Bitu".



Foto arquivo Pro-Memória

Notas

☒ **FCR promove Seminário**

A Fundação Christiano Rosa estará promovendo, no dia 12/12/08, no auditório da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, o evento "Programa de Educação Ambiental: Encontros Técnicos e Seminários de Atualização", com abertura pelo engenheiro Gilberto Felippo Jr, prefeito municipal de Guaratinguetá.

Consta da programação palestras com a Arq. Ana Maria Gouvêa, que falará sobre Corredores de Conectividade – APA da Mantiqueira ao Rio Paraíba do Sul, e Dra. Diana Valeriano, que participará de mesa redonda coordenada por Renato Lorza, em que serão discutidas condições de flora, fauna, solo e aspectos hídricos. Também apresentarão trabalhos Dra. Teresa Cristina P. Brazil, Dr. Paulo Valadares Soares, João Marcelino, Jovino Ferreira Neto, Maria Cecília Toledo, George de Paula Bernardes e Edilson de Paula Andrade.

O Encontro, realizado em parceria com a Secretaria de Meio Ambiente e de Recursos Hídricos e o Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS), tem como principal objetivo divulgar trabalhos realizados no âmbito dos municípios integrantes do CBH-PS.

☒ **Nova Capela em Piquete**

No dia 16 de novembro, ocorreu no bairro Santa Isabel o lançamento da pedra fundamental da Capela dedicada à sua padroeira – Santa Isabel da Hungria. Mui breve terá início a campanha para aquisição de donativos e de material de construção.

☒ **Ruth Guimarães homenageada**

Recém-empossada na Academia Paulista de Letras, a escritora valeparaibana Ruth Guimarães foi homenageada no dia 16 de novembro, junto com outras trinta personalidades, na sexta edição do Troféu Raça Negra. A cerimônia, realizada na Sala São Paulo, na capital paulista, para comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), celebrou também os 120 anos da Abolição da Escravidão, ocorrida em 13 de maio de 1888. O evento foi uma iniciativa da ONG Afrobras – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

Foram premiadas, por meio de comissões da Afrobras e da Academia Afro-Brasileira de Artes, autoridades e personalidades que se destacaram na luta em favor da diversidade e pelo conjunto de sua obra.

"Este é um momento de reflexão sobre o papel do negro na formação deste Estado chamado Brasil", afirmou o Ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Social, Édson Santos, também homenageado no evento.

A Festa do Quilombo

As honras devidas a Nossa Senhora da Guia

Nos bairros rurais, as festas religiosas, particularmente as dos padroeiros e padroeiras, são mantidas tradicionalmente. E assim se repetem ano a ano e atraem a população residente, adjacente e os antigos moradores, cultivando as raízes.

O bairro do Quilombo é muito antigo, segundo pesquisa de Paulo Pereira dos Reis. Este bairro, integrante da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, contava, em 1767, com vinte fogos (locais de moradia familiar), com 92 moradores e rendia em haveres 1.300\$000, sendo que o todo da freguesia contava com 327 fogos e entre os moradores, 687 “homens pequenos e grandes”, e 722 “mulheres pequenas e grandes”.

A instalação desse bairro deveu-se à expansiva ocupação do povoamento da margem esquerda do Paraíba do Sul até o bairro do Embaú, com acesso à Mantiqueira e às Minas Gerais. Foi assim que surgiram os bairros do Meira (porto de controle administrativo do Caminho Velho no Paraíba), do Limoeiro e do Quilombo.

Diz-nos ainda o pesquisador citado que “do alto curso do Limoeiro, podia-se prosseguir em direção do rio Piquete, em cuja proximidade espontou o bairro do Quilombo com seus vinte fogos e noventa e dois moradores”. Nas origens do tricentenário bairro do Quilombo encontramos a citação de que entre os possuidores de sesmarias (propriedades de terra) estavam Manuel Francisco dos Santos, Manuel de Oliveira Campos, João Ferreira da Encarnação, Antônio José da Silva Braga e o posseiro Manuel Dutra. Na história desse bairro, Antônio Lopes de Lavra, morador da freguesia da Piedade (Lorena), obteve, a 8 de abril de 1775, a patente do posto de Capitão de Ordenanças da povoação denominada Embaú-acima (Quilombo). Ao Capitão Lavra foi concedida uma sesmaria de “seiscentas braças de terra de testada” e com “uma légua de sertão”, a que depois foi anexada a posse de uma légua de terras na paragem chamada Embaú-Mirim, da qual, por sua vez, foi suplicante (solicitador) o mesmo

Capitão Lavra, pois estas estavam devolutas, isto é, sem possuidor declarado, podendo, portanto, ser atribuídas pela administração colonial. Dessa forma, preen-



Igreja de N.S. da Guia, em Quilombo

chidos os trâmites legais, a posse dessas terras dos credores de Manuel Dutra foi entregue ao Capitão Lavra. Tudo como consta do Livro de Sesmarias nº 22, folha 102, em consulta de Paulo Pereira dos Reis, no Arquivo do Estado de São Paulo.

O Capitão qualificado foi investido no posto de Sargento-Mor da Vila de Lorena em 6 de dezembro de 1788, já que esta vila foi emancipada a 14 de novembro do mesmo ano, e esse posto referia-se à administração da mesma.

Pois bem. A disposição desse povoamento associado ao caminho do Embaú, de acesso à Mantiqueira, distava, segundo documento legal da criação da freguesia da Piedade, cerca de três léguas da principal referência local: a Capela de invocação a Nossa Senhora da Piedade, no caso, a Matriz. As capelas eram os principais referenciais para dar autonomia a um local de povoamento e, segundo as regras da Corte portuguesa, no período colonial, as que, tendo seu território definido e as posições de distância a partir da dita Matriz,

além da presença do Cura, garantiriam a designação de freguesia e a formação do município, após o que, a emancipação como Vila. Ora, o bairro do Quilombo, parte da freguesia da Piedade na direção do Caminho do Embaú, bairro do qual distava uma légua e meia ou duas, possuía também sua Capela sob a invocação de Nossa Senhora da Guia, a que tem sua data comemorativa a 8 de setembro.

As festas para a Santa Protetora dos caminhos, dos percursos e seus perigos sempre foram arregimentadoras do povo da vizinhança. E, com distribuição de doces, e mais o almoço para as pessoas gradas – fazendeiros, sitiantes e proprietários –, pois, afinal, a hierarquização está sempre presente. Até hoje, segundo pude constatar na mais recente dessas festas a que compareci, a 8 de setembro de 2008. Lá estavam a banda de música, o povo da procissão, o andor engalanado, os “anjinhos” e as meninas vestidas como a Senhora da Guia, o coral vibrante – este ano, o de São Mateus, de Piquete –, e mais a missa solene, os fogos de artifício, as barracas da quermesse, o leilão de gado, o forró e o bingo (não mais o velho e proibido “buzo” de muito antigamente). Já tudo influenciado pela modernidade, mas presente a pressentida hierarquia.

Na circunscrição territorial do Quilombo, parte pertence a Piquete e parte a Cachoeira Paulista. A marca da divisa encontra-se localizada próxima a uma nova Capela – a de Nossa Senhora das Graças. Mas o Quilombo está com feição nova – casas modernas; e uma delas, alta, no largo principal, com terraço e garagem, a emitir sinais de poderio. O centro do bairro está bem cuidado, calçado, iluminado e ajardinado. Nos mais velhos, as memórias subjacentes. O povo da festa só querendo alegria, movimentando-se ao longo da rua principal. Cogita-se da razão do nome do bairro. Por que Quilombo? Várias suspeitas podem ser levantadas. E essas são a motivação dos historiadores.

Dóli de Castro Ferreira

“A cultura não deve sofrer nenhuma coerção por parte do poder político ou econômico, mas ser ajudada por um e por outro em todas as formas de iniciativa pública e privada, conforme o verdadeiro humanismo, a tradição e o espírito autêntico de cada povo.”

João Paulo II

O que é pré-sal?

Um dos temas recentes mais discutidos é o pré-sal, ou seja, a camada de depósito sedimentar denominada pré-sal.

Segundo os comentaristas especializados, a camada pré-sal, tão destacada nos noticiários dos periódicos atuais, ligada à exploração e prospecção do petróleo, “constituía um objetivo tradicional, clássico e de reconhecido potencial havia muitas décadas”. (Giuseppe Bacocoli, in Folha de São Paulo, 9/9/2008, p. A3). Nas considerações preliminares, escrevendo sobre o assunto, o citado geólogo de petróleo considera a teoria das placas derivadas do rompimento do supercontinente Gondwana, cuja ruptura provocou a separação da placas africana e americana, dando lugar à penetração do mar que, inicialmente, formou “um golfo estreito e alongado” e foi o predecessor do oceano Atlântico. Observe nos mapas como as linhas de fratura indicam possibilidades de encaixe entre a costa brasileira e a africana.

O estudo mais aprimorado da plataforma continental e da região costeira no Brasil propiciou maior detalhamento no levantamento de dados e na análise dos resultados obtidos nas linhas e áreas de pesquisa. Afinal, desde a década de 1950, lecionando na Universidade de São Paulo, o professor Viktor Leinz nos alertava, seus alunos, de que o petróleo existia sim no Brasil, ao contrário do que se procurava negar, sob o jogo de interesses políticos norte-americanos, mas que a profundidade dos depósitos era grande e a nossa capacidade prospectiva ainda pequena. Entretanto, o petróleo não migraria e, mais tarde, a exploração poderia ser feita. Da camada de pré-sal nós já estávamos informados, pois, estudando a paleogeomorfologia, era possível admitir os movimentos de levantamento e rebaixamento dos níveis conti-

mentais e oceânicos através do tempo, e a possível invasão e regressão das águas do mar sobre o continente. Ora, onde o mar invadiu e regrediu deixou restos orgânicos, inorgânicos e o próprio sal. Dos restos citados, elaborou-se o petróleo, subjacente à camada de sal – daí o nome pré-sal para atingir a camada petrolífera propriamente dita. Desde a descoberta do petróleo no Recôncavo Baiano, em 1940, essas evidências já podiam ser constatadas.

O jorro do petróleo em Lobato (BA) teve comemoração nacional. Monteiro Lobato teve reconhecida sua luta em defender a existência de petróleo no Brasil.

Em diferentes áreas adjacentes à costa brasileira é possível a exploração do petróleo, logo abaixo das camadas de pré-sal, algumas vezes espessas, mas já em continuada exploração há décadas, pelo mesmo a partir de 1960. São os casos das explorações em Sergipe e Alagoas, assim como na porção emersa da bacia do Espírito Santo. A análise tecnológica mais avançada tem permitido reconhecer os movimentos dos depósitos de petróleo em migração e acumulação a partir de depósitos sedimentares marítimos e lacustrinos. E como nos dizia o professor Leinz, esses depósitos são encontrados abaixo de pelo menos 3.000 a 4.000m de profundidade.

Hoje, as perfurações de pesquisa estão aprimoradas – daí a possibilidade de expandir a obtenção do alcance dos depósitos petrolíferos. Portanto, a busca na área de concentração da bacia de Santos, a uma profundidade considerável, após cerca de 2km de espessura da camada de sal, tornou-se viável. Nesse caso, a profundidade total dos poços chega a 6 km de profundidade. É o que ocorre nas vizinhanças do campo denominado de Tupi, cuja localização foi tão enfatizada pela mídia.

As dimensões das novas descobertas ainda não são totalmente conhecidas, mas a euforia expressa pela Petrobrás e o governo faz augurar a possível sustentação da auto-suficiência em petróleo para eliminar a necessidade de importação. Principalmente no caso da conturbação que envolve os países produtores do Oriente-Médio e os elevados preços do óleo, principal termômetro dos encontros e desencontros traduzidos em guerras e comoções populares.

Para o governo, a auspiciosa notícia é sempre divulgada nos momentos de crise; por conseguinte, a dupla significação em ter petróleo para nos permitir a auto-suficiência e a celebração das descobertas e localizações das jazidas são apanágio para conceder ao corpo administrativo federal um aval de compromisso assegurado.

Afinal, razões sejam dadas a Monteiro Lobato, que sempre, heroicamente, defendia “o petróleo do Brasil” contra os argumentos dos “cientistas” norte-americanos a serviço da política do Departamento de Estado negando a possibilidade, para manter os dependentes em sub-condição. A subalternidade que, em boa hora, Getúlio Vargas soube transpor pela criação da Petrobrás, na busca da nacionalização das explorações das fontes de energia. Mas hoje, a Petrobrás está, em parte, nas mãos do capital internacional, no negócio das ações e nas áreas de pesquisas.

Daí cria-se um impasse sobre o preço a ser obtido pelo barril versus o custo elevado da exploração devido à grande profundidade da camada do pré-sal até o petróleo armazenado.

Um problema nacional, portanto, além de político, técnico e estratégico.

Dóli de Castro Ferreira

Jongo no Sudeste

No último dia 11 de outubro, no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, na Rua do Catete 179, Rio de Janeiro, aconteceu o lançamento do livro “Jongo no Sudeste”.

A obra é um amplo e abrangente inventário realizado para instruir o processo de registro que concedeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil a essa manifestação afro-brasileira. O Jongo foi registrado – e não tombado – em novembro de 2005, pelo IPHAN no Livro das Formas de Expressão.

Para a Fundação Christiano Rosa, essa publicação é uma grata alegria, pois participou das pesquisas e da elaboração do dossiê do Jongo de Piquete que, somado aos trabalhos sobre outros grupos de jongos, fez parte do inventário que levou ao registro dessa manifestação pelo IPHAN, como Patrimônio Imaterial do país.



Praticado em Piquete desde o século XIX, o jongo é uma forma de louvação aos antepassados, uma expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva, elementos mágico-poéticos e tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua bantu. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica.

Essa manifestação popular consolidou-se entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café localizadas em diversos locais do sudeste brasileiro, principalmente no Vale do Paraíba do Sul. Caxambu, jongo, tambor, batuque e tambu são os diferentes nomes dessa forma artística e lúdica criada por essas populações escravas que se reuniam em torno de dois ou três tambores para dançar nas noites de sábado e nos



dias santos.

Símbolo de resistência, o Jongo de Piquete, a exemplo de outras comunidades, sobreviveu ao tempo chegando até os nossos dias graças ao empenho e dedicação de uma comunidade negra que se esforça por preservá-lo. Se no passado tivemos afamados jongueiros como Seu Amaro, Conceiçãozinha, Terezinha Generoso e tantos outros que mantiveram essa tradição, hoje o professor Gilberto Augusto e um grupo de jongueiros jovens se dedicam para mantê-lo vivo e divulgá-lo.

O livro “Jongo no Sudeste” é um belo registro que merece ser lido por todos que queiram conhecer nossas raízes e nossa história e se preocupam em divulgá-las.

Fotos do 12º Encontro de Jongueiros, realizado em Piquete entre 25 e 26/04/08



Fotos: Ieté Ferreira

Crônicas Pitorescas

A grande desculpa

Virou epidemia! Tudo, agora, sobrou para a crise. O que acontece aqui, ali, acolá e nos quintos, tem uma culpada: a crise. Última moda!

Antigamente, era comum ouvir-se que, quando uma pessoa piorava de alguma doença crônica, estava, por exemplo, com crise cardíaca, crise de asma e até crise de apendicite.

Quando o casal escasseava nas juras, caía numa crise conjugal. Os amantes, ao sentirem a presença de vírus estranhos, tais como o ciúme, intolerância, logo chovia crise amorosa.

Se um indivíduo perdia as estribeiras, explodia em crise de raiva. Tomado por bons sentimentos, deitava numa gostosa crise de ternura. Ainda, por abruptas manifestações na sensibilidade, podia ser premiado por uma crise de choro.

Havia aquele momento de incerteza espiritual que induzia a uma crise religiosa. Uma crise moral, mortificante, bem poderia advir como um ato de penitência.

Tivemos tempos difíceis na vida do país, passamos por momentos na evolução dos fatos que foram penosos, graves... Vivíamos, então, uma crise política.

Se aconteciam alterações no concerto das nações, conflitos em algum ponto do globo que afetavam outros povos, virava uma crise internacional.

Palmyro Masiero

Já vivemos a crise do café. Secas ou inundações invariavelmente carregam consigo uma crise agrícola.

Em certas fases de desenvolvimento deixamos de crescer ou melhorar nosso desempenho, exclusivamente por uma crise de mão-de-obra especializada.

Também na arte das palavras passamos por ciclos árduos na evolução das idéias e despencamos para uma crise literária.

Numa ruptura do equilíbrio emocional, as pessoas eram tomadas por uma crise de depressão ou uma crise nervosa. E segue por aí a fora...

E hoje? A crise despersonalizou-se. Prostituiu-se. A vida tá cara? A chuva inundou a cidade? Tá desempregado? Tá mal casado? Tá duro? Tá mole? O calo tá doendo? O filme é uma porcaria? Os adeptos da lei de Gerson tomaram conta do país? Enfiar a mão no dinheiro da Previdência? O maldito rato não caiu na ratoeira? A justa chegou na hora? Não havia vaga no motel? O Palmeiras perdeu? O dente tá doendo? Arranjou sarna para se coçar? O Pedro fugiu com a noiva?

Podes crer, compadre, é a crise! Por isso, endosso o que disse a Consuelo de Castro em sua peça "Caminho de Volta", sobre a crise: "Justifica todas as brochadas das pessoas".

Que que há? Todo mundo virou brocha?

Dia Nacional da Consciência Negra

O Dia Nacional da Consciência Negra foi estabelecido pelo Projeto Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. A data de 20 de novembro foi escolhida em virtude de ter morrido neste dia, no ano de 1695, Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares.



A homenagem a Zumbi foi mais do que justa, pois esse personagem histórico representou a luta do negro contra a escravidão, no período do Brasil Colonial. Ele morreu em combate, defendendo seu povo e sua comunidade. Os quilombos representavam uma resistência ao sistema escravista e também uma forma coletiva de manutenção da cultura africana no Brasil. Zumbi lutou até a morte por essa cultura e pela liberdade do seu povo.

Importância da Data

O Dia da Consciência Negra reforça a necessidade de conscientização e reflexão sobre a importância do povo africano na formação da cultura nacional. Os negros africanos colaboraram muito, ao longo da história, nos aspectos políticos, sociais, gastronômicos e religiosos do país.

A abolição da escravatura, de forma oficial, só veio em 1.888. Porém, os negros sempre resistiram contra a opressão e as injustiças advindas da escravidão. A valorização de um líder negro em nossa história deve ser enfatizada.

O velho despertador

Edival da Silva Castro

Numa grande etapa de minha vida, este objeto incomodador esteve grudado à cabeceira de minha cama.

Um mal necessário. Do ginásio até a aposentadoria, o despertador envolveu-se em minhas noites. O seu tique-taque embalou meus sonhos, esteve palpitante em noites de insônia, quando pudemos decidir juntos projetos esperançosos.

Tudo começou quando no meu primeiro emprego ganhei de presente um da marca West O'Clock. Ótimo; jamais me deixou na mão, mas o seu tique-taque era incomodador.

Tempo depois me falaram dum tal rádio-relógio que servia como despertador e sem o incomodador barulhinho. Era somente ligá-lo na tomada, ajeitar as horas, colocar nos horários para despertar. Continha ainda dispositivo de "sleep" e sintonia digital. O modernismo fez-me separar do velho despertador.

Comprei um Sony. Com o passar do tempo fui-me acostumando. Quando o "Sleep" funcionava, o sono já estava profundo; quando o despertador soava, dava-lhe um toquezinho para se calar. Aí somente levantar-me e preparar-me para a rotina do dia. Estava encantado com o rádio-relógio, dormia despreocupado.

Até que numa madrugada de chuva copiosa, relâmpagos e trovoadas a torto e a direito, a energia elétrica faltou e o relógio não despertou. Esqueci-me que era elétrico. Fui parar no pronto socorro à procura de atestado médico para justificar o dia, pois perdera a hora.

Senti falta do velho West O'Clock. Apanhei-o de volta dentro do guarda-roupa, abri sua tampa traseira, lubrifiquei suas cordas, dei-lhe corda e toquei-lhe no balanço: o incomodador de imediato começou a dar o seu tradicional tique-taque, parecendo sorrir para mim.

Começou tudo outra vez, porém, agora poderá chover, relampaguear, trovejar e faltar energia elétrica, que meu incomodador vai permanecer no lugar de onde não deveria ter saído – sobre o criado mudo, produzindo seu tique-taque, juntinho dos meus pensamentos.

Foi assim até aposentar-me. Hoje, ferro no sono, às vezes embalado pelo tique-taque da chuva no telhado.



Acesse, leia e divulgue o informativo

"O ESTAFETA"

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Pátria amada, Brasil

As ruas de uma cidadezinha, lá nos longes. Um conto ouvido de uma velha ama, um ensalmo pendurado ao pescoço do nenê, uma reza que a memória ficou rezando pela voz sempre lembrada de uma avó. Um desafio, um cateretê, bater de pés no chão da lembrança, Santo Antônio, São João, São Pedro, sortes, fogueiras, balões, junho e a magia das noites brasileiras, limpas, nítidas, frias, imensas, de céu todo estrelado. Isto é Brasil. É Pátria. Estão fugindo dela.

Na lenda imortal, Hércules luta com o gigante Anteu, filho da Terra. Para dominá-lo, foi preciso que Hércules o levantasse do solo, pois o gigante hauria força invencível da Mãe-Terra apenas tocando-a com os pés.

Esse símbolo que aí fica, depois de mais de dois mil anos, ainda é válido para qualquer um de nós. Da terra em que nascemos vem-nos a força. A seiva que circula em nós é o conhecimento íntimo das nossas tradições. Se o estranho, o estrangeiro, um dia tornado inimigo, vier contra nós, teremos o ímpeto de uma arrancada formidável em defesa da pátria e do lar, se tocarmos este abençoado solo com os pés, se nos apoiarmos no balauste das tradições.

Preservar o acervo folclórico de uma nação, compreendê-lo e amá-lo, é preservar uma força telúrica – infinita porque se renova a cada momento; invencível, porque liga o homem à terra, de modo que somente a morte os separe;

Autêntica, porque jamais mente à natureza profunda da criatura;

Eficiente, porque traz a sabedoria que nos permite escolher o caminho mais certo;



Maravilhosa, porque nos impele a nos realizarmos totalmente, trazendo-nos felicidade, a felicidade;

Envolvente, porque tem a magia das coisas afins;

Sábua, porque nos dirige, de acordo com as nossas tendências;

Plena, porque nos satisfaz inteiramente;

Verdadeira, porque responde às mais profundas inclinações do espírito;

Suave, porque são laços de amor.

Muito suaves e invencíveis, porque são laços de amor.

De repente, e não mais que de repente, como cantou o poeta, eu me dou conta (e o mesmo deve acontecer a outros) de que um número considerável de brasileiros está

fugindo de casa. Não se trata de ninguém abaixo da linha da miséria, pelo contrário. Filhinhos de mamãe, classe média, da média e da alta. E lá se vão, em alegre revoada. Vão para a Europa ou para os Estados Unidos. Pensarão em estudar outra língua, em aprender, em acrescentar ao seu cabedal de conhecimentos a valiosa experiência? Em que pé estão os negócios da sua mente e da sua alma? Vão vender sua mão-de-obra como qualquer imigrante. Vão lavar banheiros de clube ou entregar pizzas. Nada contra o trabalho dito braçal, que sem este tipo de trabalho não haveria mundo. Mas que ele seja subsidiário do espírito. Esses que voltam, trazem o que a não ser dinheiro? O brasileiro de torna viagem, quando volta, se volta, qual será sua bagagem?

Muito se fala de amor, e até falar de amor já se tornou profissão. Mas que é isso que deram de chamar de amor?

Não irei conceituar o amor. Deus me livre. O próprio Camões, que, como poeta, devia entender desse sentimento inominável e incompreensível, já dizia que “amor, um mal (mal?) que mata e não se vê. Que dias há que n’alma me tem posto um não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como, dói não sei porquê.”

Isso é o amor humano, de gente... Mas nós estamos falando do amor da Pátria. Do defunto amor da Pátria. Dos brasileiros fugitivos.

Ruth Guimarães

Os novos coronéis

O “Jornal da Globo”, em sua edição de 07 de novembro, veiculou um fato que, se não fosse trágico, seria cômico. O prefeito de Sertão (RS), município que tem sete mil habitantes e fica a 330 quilômetros de Porto Alegre, Aldenir Sachet, do Partido Progressista, deixava os servidores que apoiaram seus adversários políticos sentados de castigo no pátio da Prefeitura, proibidos de trabalhar. Alguns estavam sendo punidos havia quatro anos. Esses servidores não podem ser demitidos porque são concursados.

O secretário de obras sugere que a punição é aplicada àqueles que não são alinhados ao prefeito. “Foram contra a política, politicamente foram do outro lado”, conta um morador da cidade. A telefonista Elia Terezinha de Oliveira está de castigo há dois meses. Ela diz que tem sido alvo de chacota. “Tem gente que passa por aqui e dá gargalhada”.

Depois que soube que a TV Globo tinha entrevistado os funcionários de castigo, o prefeito emitiu nota dizendo que a Prefeitura tem funcionários em excesso por causa das administrações passadas. E que obriga esses servidores a cumprirem o horário do expediente para que eles não fiquem bebendo nos bares da cidade. Os servidores se ofereceram para trabalhar em outras funções, mas o prefeito não quis.

Agora, Sachet, que acaba de ser reeleito, vai ter de se explicar ao Tribunal de Contas. Ele poderá até ser cassado por improbidade administrativa. O presidente do Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul, Porfírio Peixoto, ficou abismado. “Isso é inusitado, é primitivo, e não civilizado”, declarou ao Jornal da Globo.

A prática de perseguir adversários políticos não acontece somente em Sertão, mas em muitos municípios do Brasil, sobretudo nos pequenos municípios do interior, onde o serviço público quase sempre é a única opção de trabalho e se torna objeto de barganha eleitoral.

A democracia só pode existir numa cidade se o povo possui liberdade para fazer escolhas. Quando as opções políticas de um cidadão ou de uma cidadã não são respeitadas, então nós vivemos numa ditadura, num coronelismo. Este sistema se implanta sutilmente; quem detém o poder passa a favorecer seus aliados e, no que lhe é possível, a prejudicar seus adversários. Começa a vigorar a bárbara “lei do mais forte”, que logo dissemina o medo e silencia a todos. Sem nenhuma oposição, os novos coronéis utilizam o poder em benefício próprio, e para manter a popularidade dão ao povo festas e esmolas, pão e circo, e não vida digna. Contentes, o povo os elege novamente, e a democracia, que nunca

chegou a ser plena, torna-se um sonho cada vez mais distante.

O Brasil viveu, por pouco mais de vinte anos, uma terrível ditadura, que fez de nosso povo uma gente amedrontada e calada, pela constante violação dos direitos fundamentais do cidadão. Temos uma dívida histórica na construção de uma sociedade realmente democrática, devemos nos confrontar bravamente com qualquer forma de autoritarismo, utilizando os meios legais nesta luta, e continuar conquistando espaços de liberdade, de diálogo, de respeito às diferenças.

O que vimos no “Jornal da Globo” foi um péssimo exemplo de abuso de poder. Como seria bom se isso não se repetisse em nenhum município de nosso país.

Esperamos que em nossas cidades não mais aconteçam fatos semelhantes a este, que não haja funcionários públicos demitidos, transferidos, prejudicados por terem opção partidária diferente dos candidatos que foram eleitos e assumirão os poderes legislativo e executivo. Que as autoridades eleitas em nossos municípios promovam o bem de toda a população e saibam respeitar a legítima e necessária liberdade de escolha de cada cidadão e cidadã, favorecendo a manutenção desta importante conquista de nosso povo: a democracia.

Pe. Fabrício Beckmann

A Fundação Christiano Rosa e o Meio Ambiente

A Fundação Christiano Rosa, desde sua instituição, há mais de onze anos, tem promovido inúmeras ações voltadas para a preservação e recuperação de nossas florestas. Parceira da Imbel / FPV, guardiã de um especial fragmento de mata atlântica, um dos mais ricos em diversidade do Vale do Paraíba, a Fundação tem trazido para Piquete eminentes cientistas para pesquisar e inventariar nosso patrimônio ambiental.

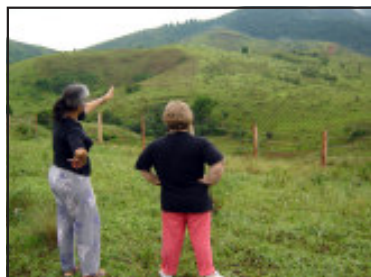
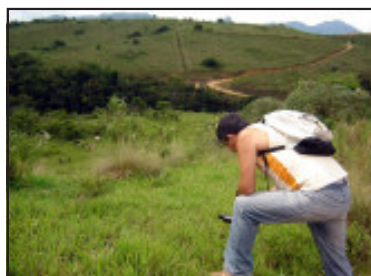
No final de 1998, ela deu início a estudos voltados para a criação de um corredor ecológico na Serra da Mantiqueira. Nessa ocasião, a seu convite, estiveram em Piquete os pesquisadores Dra. Janice Wiles, ecóloga da Universidade de Maryland – EUA; Richard Wiles, analista de legislação ambiental da EWG – EUA; Dr. Dalton de Morisson Valeriano, do INPE; Dra. Diana D. Valeriano, bióloga da USP. Os doutores Dalton e Diana, ambos biólogos e grandes estudiosos da Mata Atlântica, tornaram-se parceiros da Fundação e presença constante em Piquete. Estiveram também estudando a avifauna da região os ornitólogos Dr. Fábio Olmos e Dr. Herculano Alvarenga, que constataram a excepcionalidade do fragmento de mata preservado pela IMBEL.

Após diversos estudos, de posse de dados específicos de Piquete, e objetivando a preservação dos recursos naturais para a conservação da biodiversidade e da qualidade das águas, a Fundação Christiano Rosa elaborou e está executando um amplo projeto de corredor de conectividade ligando a Mantiqueira ao Paraíba do Sul. Inédito na região, esse projeto está sendo implementado por meio do plantio e

recomposição de mata ciliar com espécies nativas, ao longo do Ribeirão da Limeira, cujas nascentes se encontram na mata da IMBEL, em Área de Proteção Ambiental – APA da Mantiqueira.

Recentemente, o Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, lançou o “Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção”, que traz uma lista de 625 espécies de animais nessa situação de risco. Os dois volumes do “Livro Vermelho” contêm dados detalhados de cada animal e as regiões onde são encontrados no país. Os animais foram classificados em três categorias de risco de extinção: vulnerável, em perigo e criticamente em perigo. Do total de animais ameaçados, 380, que representam 60%, estão na Mata Atlântica, bioma que só tem 7% de sua cobertura original preservadas.

Dessa maneira, o empenho da Fundação Christiano Rosa em preservar o fragmento de Mata Atlântica da IMBEL, de aproximadamente 3.000 hectares, e estendê-lo ao Rio Paraíba do Sul através do projeto “Corredor de Conectividade Ligando a APA da Mantiqueira ao Rio Paraíba do Sul”, é uma iniciativa que concorre para melhoria das condições ambientais e da qualidade e produção de água, preservação e enriquecimento da biodiversidade, contenção do processo de erosão do solo impedindo o assoreamento do Paraíba do Sul, além de permitir o fluxo gênico. Assim, muitas espécies ameaçadas de extinção e presentes na mata da IMBEL como macuco, sabiá-cica, maria-leque, araponga, gavião-de-cabeça cinza, entre outros, poderão ter seu habitat expandido e sua população preservada.



Falando como cidadão

Abigayl Lea da Silva

Disse o Padre Vieira, o mesmo que pediu satisfação a Deus no Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda, que se pudesse escolher algo para assistir neste mundo, optaria por uma pregação de Paulo.

Quando li a Oração da Coroa, de Demóstenes, o maior orador grego da antiguidade, causaram-me profunda impressão as diligências dos cidadãos quando estava em jogo o bem-estar da pátria.

Os senadores reuniam o conselho na casa real. Antes que se discutisse e deliberasse, todo o povo se aglomerava em volta da tribuna.

Era comunicada a notícia. O pregoeiro perguntava: “Quem quer a palavra?” E repetia a pergunta até que um orador se apresentasse.

Disse Demóstenes que, se fosse necessário para a salvação da pátria que todos falassem, todos subiriam à tribuna.

Entre os oradores Demóstenes distingue o conselheiro e o traidor:

“o conselheiro manifesta sua opinião antes que ocorram os fatos e se apresenta como abonador daqueles que nele confiam;

“à surpresa dos acontecimentos, no que quer que sobrevenha, o traidor, ao contrário, calando quando é preciso falar, se qualquer coisa de sinistro ocorre, então desaprova, se encoleriza, vomita contumélies.”

Muitas vezes, diz o grande orador, apesar do esforço de todos os cidadãos, a pátria sofre um revés. Mas, nesse caso, não há culpa. É respirar fundo e começar a batalha da reconstrução.

O Padre Vieira queria ouvir uma pregação de São Paulo. Mais do que as virtudes do orador creio que desejava receber a mensagem de Cristo com a autoridade de quem passou pelos episódios de uma conversão traumática. Mais do que um orador, mais do que um apóstolo, Paulo era um iluminado.

O que admiro em Demóstenes é mais que sua arte de bem falar. É o seu comportamento de cidadão. Como administrador, como embaixador, não hesitou um momento sequer em tomar todas as providências necessárias para o bem de sua Ática e das ilhas vizinhas.

Às vezes, me ponho a imaginar: como estaria o Brasil hoje se brilhantes oradores de formação acadêmica, como os senhores Carlos Frederico Werneck de Lacerda, Jânio da Silva Quadros e Fernando Collor de Mello; e os chamados bons de palanque, como Getúlio Dornelles Vargas, Antônio Carlos Magalhães e Leonel de Moura Brizola, tivessem, como Paulo, aquela inexorável perspectiva de salvação e, como Demóstenes, aquele acendrado amor à pátria?

E o que me deixa acabrunhada é ver, todos os dias, os homens e mulheres que respondem pelo destino do Brasil gastando seu tempo e sua palavra para, vociferando contra seus adversários, cuidar de seus próprios interesses.